

MONTE CASTELO

Ten-Cel RUY LEAL CAMPELLO,

Oficial de EM

Relato do Ten-Cel Ruy Leal Campello, Secretário-Geral do Conselho Nacional, por ocasião das comemorações do 19º aniversário da Vitória de Monte Castelo.

Corriam os primeiros dias do já distante mês de fevereiro de 1945. A tropa da 1ª DIE da Fôrça Expedicionária Brasileira, incorporada ao IV C Ex do V Ex Americano, aguardara em estafante e penosa vigília, o escoamento daqueles árduos e enregelados dias do inverno de 1944-45. Cumpria-lhe agora passar à ofensiva, como parte do plano, estabelecido pelo Comando Aliado do Grupo de Exércitos que operava na Península Itálica, destinado a romper a chamada Linha Gótica, capturando os escarpados maciços de Capel Buzzo — Monte Gorgolesco — Capela de Ronchidos — Monte Castelo — Monte della Torracchia, o que, uma vez conseguido, abriria o caminho da rota 64, colocando nas mãos dos Aliados o importante ponto chave da cidade de Bolonha.

Os Exércitos Alemães debatiam-se a essa época desesperadamente contra o crescente poderio aliado que em tôdas as frentes buscava o assédio da chamada fortaleza da Alemanha Continental. Contornados os insucessos causados pela derradeira ofensiva que precedeu o Natal de 44, viram-se as fôrças da poderosa Wermacht na contingência de ceder terreno ante os contínuos golpes desferidos pelos Exércitos libertadores.

Era como parte dêsse quadro geral das operações em curso que o homem brasileiro iria uma vez mais mostrar suas alcandoradas qualidades combativas, concorrendo com o seu esforço e seu generoso sangue para a conquista da Vitória Aliada.

Assim, os preparativos para a operação eram fãcilmente percebidos, mesmo pelos mais indiferentes, já que era patente a grande disponibilidade de recursos de tôda a ordem em mãos do comando do IV Corpo, inclusive a anunciada entrada em ação de uma nova Divisão — a 10ª de

Montanha Americana, especialmente treinada para a luta naquelas alturas. Os movimentos realizados para a tomada do dispositivo, os reconhecimento e demais entendimentos necessários decorriam dentro de um clima de confiança e quase satisfação. Todos sentiam que soara a hora derradeira da desforra aos rudes golpes sofridos ante aquelas cruentas alturas, das quais Monte Castelo passara a constituir a razão de tóda a atividade da FEB naquele setor da Linha Gótica.

Em três outras oportunidades as operações montadas visando sua captura haviam resultado infrutíferas, e a última delas, realizada a 12 de dezembro de 1944, fizera com que os brasileiros experimentassem a mais dura provação de seu estoicismo naquela campanha, fato facilmente constatável pelo elevado número de baixas sofridas em decorrência.

Desencadeada a ação ofensiva, cujo início marca a estréia da 10ª Divisão de Montanha que, quase de surpresa, atinge as altitudes inacessíveis de Capel Buzzo e Pizzo di Campiano, cumpre à Fôrça Expedicionária Brasileira o papel que lhe fôra reservado na manobra, lançando o 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio) contra Monte Castelo, cuja conquista e subsequente prosseguimento da ação ofensiva sôbre Bella Vista e La Serra permitiriam aos americanos em segurança anular finalmente o baluarte do Monte della Torraccia.

A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira enfrenta, então, as árduas operações de 18, 19, 20 e 21 de fevereiro, quando os Batalhões que constituíam o escalão de ataque conseguem, em fim da jornada de 21, a posse definitiva das alturas 977 de Monte Castelo. Os alemães, surpreendidos pelo ímpeto do ataque, não podem manter as suas posições. Era a derrota que se aproximava.

Ao escrevermos êsse rápido comentário, não poderíamos deixar de focalizar alguns aspectos positivos daquelas jornadas admiráveis, que hoje fazem parte das mais emocionantes páginas de nossa história militar. São reminiscências dignas de registro, pois deixam transparecer os traços marcantes do soldado brasileiro naquela campanha e permitem avaliar seu comportamento vigoroso e estóico para alcançar a vitória cuja efeméride hoje devemos comemorar. São passagens que os relatos clássicos não revelam, mas que só podem ser apontados por aquêles que, enfrentando o clima, o terreno e as mais adversas condições de Campanha, "viram nos olhos" o inimigo daqueles dias. Como exemplo narremos os difíceis momentos vívidos pelo nosso escalão de ataque, pouco antes de tomar pé nas alturas 977 de Monte Castelo.

Após vigorosa arrancada, a 5ª Cia do II Batalhão do Regimento Sampaio alinha-se com a 1ª e 2ª Cias do I Batalhão, executando um amplo movimento que visava atingir o objetivo abordando-o pelas encostas N-NW. Incumbe, então, ao seu Cmt coordenar o lance final que as con-

duziria à crista. Liga-se, em consequência, aos dois outros capitães e rapidamente é decidida a abordagem. Pressentia-se que o dia estava a findar e era necessário chegar ao objetivo ainda com luz suficiente que permitisse consolidá-lo e reajustar convenientemente o dispositivo das Cias do escalão de ataque.

A região em que se encontravam os atacantes entre GARGÊ e FORNACE mostrava, à frente do compartimento de ataque, a extensa ravina da região do C Zolfo, ao fundo da qual sobressaía, com amplo domínio sobre toda a região — Monte Castelo.

Repentinamente, a citada ravina é batida por fogos ajustados dos sempre temíveis morteiros alemães. A tropa brasileira é colhida em cheio por esse bombardeio, registrando-se muitas baixas. Ouvem-se ordens rápidas e enérgicas dos comandantes imediatos. O heróico Cap Yeddo Blauth concita seus comandados a se manterem coesos e a “segurem o exemplo de seus chefes”.

Feridos, alguns já em agonia, são prestimosamente atendidos. Logo, porém, prossegue o movimento com decisão e rapidez, não faltando verdadeira demonstração de sangue frio de outros que trocam seu armamento de repetição pelas submetralhadoras daqueles que haviam tombado minutos antes. O escalão de apoio bate com rajadas de Mt .30 e tiros de lança-rojão a região de C. de Zolfo, que constituía séria ameaça ao escalão de ataque.

Há um momento de intensa expectativa, quando são divisados, cruzando à frente do escalão de ataque, elementos desgarrados de uma Cia Americana. O incidente constitui grave perigo e há mesmo troca de tiros. O uniforme brasileiro assemelhava-se pela cor ao alemão, apesar das providências tomadas para que toda a tropa atacante utilizasse o field-jacket americano, de cor cáqui, a fim de melhor identificá-la. Felizmente, o impasse é contornado, sendo indicada aos americanos a direção da estrada principal para onde conduzem eles, logo após, alguns prisioneiros alemães, fazendo com que os últimos transportem em uma lona de barraca alemã um infante americano ferido.

As ações e os movimentos se sucedem com grande rapidez e mesmo perfeição. O comportamento da tropa atacante podia-se assemelhar, a essa altura, ao de uma infantaria executando manobra em campo de instrução.

Monte Castelo começa a ser abordado e o escalão de ataque toma pé incontinenti nas alturas 977. Súbito, um foguete luminoso corta os ares, sendo assinalado pelos postos de observação, e três estrélas verdes, que no código de sinais significavam objetivo conquistado, são vistas por sobre o compartimento de ataque. Eram os primeiros elementos que atingiam

a crista e apontavam, pela utilização desse artifício, a direção aos companheiros do escalão de apoio, por isso que rapidamente a escuridão faria sentir seus efeitos tão temerosos nessas circunstâncias.

Os alemães, duramente batidos pelos fogos da artilharia de apoio e pelo vigor da manobra executada pelos atacantes, ainda conseguem evacuar a região, apoiando-se na resistência de La Torracchia, já entesada pelos americanos.

As Cias de Fuzileiros coroam finalmente o objetivo, porém, mais um esforço ainda deveria ser despendido. Todos, do Capitão ao volteador, organizam o terreno e cavam seus fox-holes, pois, só assim, estariam em condições de assegurar a posse das alturas conquistadas e fazer face a um contra-ataque alemão, sempre esperado. Além disso, cumpria resistir à fadiga e à estafa que já se faziam sentir, após as emoções e os esforços inauditos de tão vibrante jornada. Os efeitos do frio e da escalada do terreno difícil e escorregadio, produziam em todos terrível e indescritível sensação que poderia traír até aos mais fortes. A tropa atacante havia conduzido, apenas, o armamento e o equipamento aliviado indispensáveis para o cumprimento da missão, a fim de que não ficasse tolhida em sua capacidade de manobra e resistência, ante as dificuldades provenientes do terreno, segundo já nos referimos, e à grande profundidade a palmilhar do compartimento de ataque. Vale também acrescentar que os atacantes, apenas, estavam alimentados por intermédio das rações de reserva e não tinham consumido nenhuma refeição quente desde o início daquelas árduas jornadas.

Pouco mais tarde, elementos do III Batalhão, que haviam tomado parte na ação, abordando o objetivo face ao sul, atingem também a crista, ligando-se aos seus companheiros do I Batalhão, já devidamente articulados naquelas alturas.

Os postos de comando vibram ante a certeza da vitória alcançada. Monte Castelo, finalmente, estava em poder da Infantaria Brasileira, ali representada pelo 1º Regimento de Infantaria — justamente o Regimento Sampaio, a repetir e a confirmar as grandes ações e feitos do passado do seu glorioso patrono — Sampaio!

Ao concluímos nosso relato, cumpre-nos reverenciar a memória daqueles heróicos companheiros que hoje repousam o sono eterno no solo pátrio, à sombra do Monumento Nacional erigido pela Pátria reconhecida. Perfilemo-nos, pois, em justa e comovedora homenagem, evidenciando, uma vez mais, que o sacrifício de suas vidas não foi em vão. A Pátria saberá sempre cultivar a memória e o esforço de todos os que lutaram na Itália, conquistando, a 21 de fevereiro de 1945, Monte Castelo — vitória lídima que consagrou tão alto o soldado brasileiro!